



Texto recebido em 13/03/2025

Aprovado em 24/06/2025

doi 10.11606/0103-2070.ts.2025.234721

# Trajetórias de classe e expectativas de futuro dos jovens no Brasil

Miguel Bonumá Brunet

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Rondônia, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-3860-2173>

Celi Scalón

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-9477-3156>

André Salata

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7236-4917>

## Introdução

A pandemia de coronavírus trouxe desafios significativos para as sociedades contemporâneas, levando a uma revisão de algumas das certezas que antes orientavam a vida social (Daufembach e Hasselman, 2021; Mello, 2020). Emerge um período em que aspectos centrais da modernidade, como a previsibilidade e o controle racional do cotidiano, são desestabilizados, já que não foi possível oferecer respostas definitivas sobre quando e como o cenário de incerteza seria superado. A rápida circulação de bens e pessoas, característica marcante do sistema capitalista globalizado, foi temporariamente reduzida, diante da necessidade de conter o contágio do vírus, o que levou ao distanciamento social e a mudanças nos padrões de interação. O individualismo, muitas vezes associado às liberdades pessoais e ao consumo, deu espaço, em parte, a uma maior conscientização coletiva, com a adoção de medidas restritivas e práticas comuns, como o uso de máscaras e o isolamento social (Ortiz, 2021). Neste cenário, o fluxo contínuo e irrefletido da vida em sociedade é rompido, e ficamos em um estado de alerta permanente, aguardando um porvir, o que engendra um incontornável “parar para pensar”, ou seja, uma reavaliação da sociedade presente, investindo mais tempo em criar expectativas para o futuro.



Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.



Entretanto, as expectativas de futuro adquirem contornos específicos, e, por vezes, contraditórios, ainda mais se considerarmos um contexto diversificado como a sociedade brasileira. Por um lado, observamos que a legitimidade de muitas das instituições mais sólidas e basilares das sociedades modernas foi posta em xeque (Almeida e Adorno, 2021). Um dos exemplos mais explícitos foi o aumento da desconfiança com a ciência, por exemplo, promovida inclusive pelo próprio governo federal por meio de discursos contraditórios que aprofundaram o cenário de desordem social (Edler Duarte e Benetti, 2022). Por outro lado, esse efeito de “parar para pensar” engendrou também esforços no sentido de construção de alternativas para superação de problemas societários existentes. A pandemia virou um espelho para a sociedade olhar para si mesma, escancarando as desigualdades sociais, o que foi percebido por uma parcela da população (Teixeira e Santos, 2022). Na medida em que voltamos nosso olhar para a situação pela qual estamos passando e enxergamos profundas desigualdades nas chances de sobrevivência em uma crise sanitária, percebemos que nossa vida “normal” em sociedade é alicerçada em possibilidades brutalmente desiguais de existência.

No caso do Brasil, a pandemia surgiu em um período de aumento das desigualdades sociais (Scalon *et al.*, 2021), tendo como marco inicial a crise econômica, política e social que perdura pelo menos desde 2014. No início do século 21, o Brasil passou por um processo de crescimento econômico e diminuição de desigualdades sociais (Scalon, 2013; Costa e Scalon, 2013), o que gerou, inclusive, uma polêmica discussão sobre o surgimento de uma nova classe média (Neri, 2008). Apesar de não haver uma mudança significativa na mobilidade social da estrutura de classes neste período (Scalon e Salata, 2012), esta discussão voltou os olhares para a investigação sobre como a melhoria das condições de vida da população brasileira estaria afetando a estratificação social.

Em artigo anterior, investigamos como o contexto econômico negativo estava afetando a geração que inicia sua trajetória no mercado de trabalho, pois ele pode gerar um efeito cicatriz negativo de longo prazo nesta geração (Brunet, Andrade e Cardoso, 2022), partindo de estudos que demonstraram como jovens oriundos de famílias de trabalhadores manuais passaram a criar maiores expectativas em relação ao seu futuro (Salata e Scalon, 2020). Nesta investigação percebemos que a geração jovem de 25 a 35 anos possuía maior representação entre as classes médias e maior nível de escolarização em comparação com a geração de seus pais (cinquenta a sessenta anos), mesmo lidando com um cenário negativo de aumento de jovens com ensino superior em ocupações de baixa qualificação (aumento de 11% para 14,6% entre 2012 e 2019).

Estes resultados abriram as questões: a geração jovem estava de fato passando por um processo de *middleization*, ou seja, ocupando mais trabalhos de classe mé-

dia, antes da crise? Se sim, como este processo continuou após o período da crise? Estas são as primeiras questões que buscamos investigar. Elas fornecem a base para compreender a problemática que apontamos inicialmente: com a crise sanitária da pandemia, quais as expectativas de futuro desta geração, dada sua situação de classe? Ela está mais otimista ou mais pessimista com o futuro? A situação de classe tem correlação com a perspectiva de futuro?

Em diálogo com as duas primeiras perguntas de pesquisa, partimos da hipótese de que havia um processo de *middleization* em curso, com participação mais expressiva da geração jovem nas classes médias, mas esse processo foi interrompido com a crise econômica e agravado com a pandemia de coronavírus, diminuindo a participação dessa geração nas classes médias. Este contexto nos remete à segunda hipótese, em resposta às três últimas perguntas da pesquisa: a geração jovem pode ter desenvolvido majoritariamente percepções pessimistas de futuro, em especial os indivíduos de classes de trabalhadores manuais, ou de baixa renda, que tinham uma expectativa otimista de ascensão social em relação à família de origem, mas não obtiveram êxito ao longo de sua trajetória profissional, gerando frustrações com suas possibilidades de vida. Assim, a situação resultante da trajetória de classe, neste contexto, apresentaria uma relação direta com a percepção sobre as possibilidades de futuro.

Ressaltamos que este artigo apresenta resultados de uma pesquisa em curso na qual relacionamos bancos de dados do Centro de Estudos de Opinião Pública (Cesop) com bancos de dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE), tendo como objetivo compreender as correlações entre gerações sociais e classes sociais no Brasil do século XXI, a partir de uma perspectiva multidimensional que considera múltiplas variáveis como passíveis de compor o corpo explicativo da estrutura de classes em uma sociedade. Neste artigo, enfocamos o tema da percepção dos agentes sociais sobre suas possibilidades de futuro, dimensão teórica que se relaciona diretamente com a mobilidade social, na medida em que indica o quanto diferentes grupos sociais criam expectativas de ascensão ou descenso social de acordo com suas possibilidades de vida. Apresentaremos diferentes perspectivas teóricas sobre esta questão visando a expor a problemática que permeia este tema na literatura, a qual está diretamente relacionada com o problema desta pesquisa.

O artigo é dividido em seis partes, sendo esta introdução a primeira delas. Na segunda parte faremos a costura do modelo teórico que está embasando a pesquisa. A terceira parte descreve algumas questões sobre os bancos de dados utilizados, oriundos da PNAD e de pesquisas do Datafolha, apresentando algumas de suas características e suas limitações para a análise de classes, além dos métodos e técnicas estatísticos utilizados para analisar os dados. Na quarta parte, expomos os resultados

referentes às primeiras questões da pesquisa, buscando analisar o quanto a geração jovem estava de fato passando por um processo de *middleization* no início do século XXI, o que fundamenta o contexto sócio-histórico da pesquisa. Na quinta parte, examinamos propriamente as expectativas de futuro durante a pandemia e sua correspondência com estratos sociais e gerações sociais. A sexta e última parte sintetiza as principais conclusões do artigo.

### Trajetórias de classe e expectativas de futuro

Na primeira década do século XXI, durante o ciclo de crescimento econômico, houve uma polêmica quando a pesquisa de Neri (2008) divulgou que mais da metade da população brasileira passou a fazer parte de uma nova classe média, a classe C, a partir da elevação da renda domiciliar e do poder de consumo de camadas mais empobrecidas da população brasileira. Muitas pesquisas levantaram um contraponto a essa interpretação, demonstrando que, na verdade, não houve mobilidade social entre diferentes classes sociais, e sim o aumento da renda e do poder de consumo de classes de trabalhadores manuais (Pochmann, 2012; Scalon e Salata, 2012; Souza, 2010). Há evidências de que as classes médias, de fato, aumentaram no Brasil no início do século XXI, mas em uma proporção muito menor do que a divulgada pelas pesquisas que consideram apenas renda e poder de compra como critério de divisão de classes sociais: Scalon e Salata (2012) apontam que 32% da população ocupada em 2009 fazia parte das classes médias, enquanto Cardoso e Préteceille (2017), em uma classificação diferente, evidenciam que 27% da população ocupada fazia parte dessas classes em 2014.

Na realidade, se observarmos o processo histórico de *middleization* das sociedades ocidentais, ou seja, a emergência das classes médias, podemos perceber que o surgimento de uma nova classe média está relacionado com o aumento do nível de escolaridade e das ocupações que exigem maior capital cultural, ligadas a qualificações certificadas pelo Estado, em oposição à velha classe média, mais ligada ao capital econômico, ao mercado e às propriedades (Chauvel 2020; Chauvel *et al.*, 2021). No Brasil, mais da metade da população entre cinquenta e sessenta anos não possuía o ensino básico completo em 2019, além de ter proporcionalmente menor participação nas classes médias, que foram ainda mais reduzidas após a crise econômica de 2014 (Brunet, Andrade e Cardoso, 2022), o que indica que esta geração apresenta mais dificuldade de participar deste processo de *middleization*. Por outro lado, notamos o aumento expressivo na quantidade de jovens oriundos de classes de trabalhadores manuais que concluem o ensino médio e ingressam no ensino superior, abrindo caminho para um possível futuro diferenciado para esta geração (Vasconcelos,

2016; Weller *et al.*, 2016), que também tem maior participação nas classes médias em comparação com a geração de seus pais. Assim, ao analisar o cenário brasileiro, percebemos que o tão debatido surgimento de uma nova classe média pode estar conectado diretamente com mudanças geracionais.

Para examinarmos este cenário, nós nos fundamentamos em uma vertente de análise de classes que busca compreender as dinâmicas das classes sociais com um olhar multidimensional, abrangendo atributos tais como perspectivas de futuro, práticas culturais, opiniões políticas, entre outros: a análise Bourdieusiana de classes sociais (Bourdieu, 2011a, 2011b, 2011c, 2021; Savage, 2016; Weininger, 2015), a qual nos leva a entender as múltiplas nuances que conectam “as *posições sociais* (conceito relacional), as *disposições* (ou os *habitus*) e as *tomadas de posição*, as ‘escolhas’ que os agentes sociais fazem nos mais diferentes domínios da prática” (Bourdieu, 2011c, p. 18, grifos do autor). Sinteticamente, por meio do conceito de espaço social, Bourdieu relaciona as lutas materiais com lutas classificatórias, tendo como base “princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades que atuam no universo social considerado” (Bourdieu, 2011b, p. 134), no qual reconhece como propriedades atuantes não apenas o capital econômico, mas também o capital cultural e o capital social. Esta perspectiva permite associar a dimensão objetiva das condições de vida das gerações mais jovens com a dimensão subjetiva, que abrange seu universo simbólico e suas interpretações sobre as possibilidades de vida (Bertoncelo, 2009), bem como compreender sua dinâmica ao longo do tempo.

Bourdieu analisa os padrões de expectativa de futuro dos distintos grupos sociais por meio do que denomina como *disposições temporais*, as quais os agentes sociais desenvolvem a partir da trajetória coletiva da classe social à qual pertencem. Uma experiência de ascensão social coletiva, por exemplo, pode estar associada a valores otimistas, a atitudes positivas e às simbologias e práticas advindas desta posição no espaço social. Pelo contrário, a vivência de um declínio ou estagnação social pode estar permeada de uma visão conservadora e pessimista em relação ao futuro. Essa análise longitudinal de uma geração social em um período de tempo é abordada por Bourdieu na obra *A distinção*, com o conceito de efeito de trajetória: “o efeito exercido sobre as disposições e as opiniões pela experiência da ascensão social ou do declínio”, o qual “orienta a representação da posição ocupada no mundo social e, por conseguinte, a visão desse mundo e de seu futuro” (Idem, 2011a, p. 105). Tal conceito demonstra-se muito frutífero, na medida em que a análise do efeito de trajetória com base nas transformações objetivas e subjetivas das gerações sociais ao longo do tempo proporciona um panorama histórico sobre estas, o qual permite uma construção sociológica das gerações sociais no Brasil com maior precisão.

O pendor da trajetória [...] coletiva comanda, por intermédio das disposições temporais, a percepção da posição ocupada no mundo social e a relação encantada ou desencantada com essa posição que é, sem dúvida, uma das principais mediações através das quais se estabelece a relação entre a posição e as tomadas de posição políticas: o grau em que os indivíduos e os grupos estão voltados para o futuro, a novidade, o movimento, a inovação, o progresso [...] e sentem propensão para o otimismo social e político, ou, ao contrário, estão orientados para o passado, movidos pelo ressentimento social e pelo conservadorismo, depende, de fato, de sua trajetória coletiva, passada e potencial (Bourdieu, 2011a, p. 425).

Esta é uma passagem de *A distinção*, a qual faz parte de um período mais maduro da obra de Bourdieu. Entretanto, na pesquisa aqui proposta, investigamos as origens do desenvolvimento da parte da obra deste autor que aborda especificamente as estruturas temporais, ou seja, os padrões de percepção subjetiva das possibilidades de futuro e sua inter-relação com as condições de vida que os grupos sociais encontram. Uma das obras que melhor reúnem suas investigações sobre esse tema é *O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais* (Idem, 2021), a qual sintetiza as pesquisas que Bourdieu fez na sociedade Argelina do século XX, mais precisamente das décadas de 1950 e 1960, quando o autor serviu o exército francês trabalhando na administração central e posteriormente se tornou professor assistente da Faculdade de Letras de Argel. No momento em que chegou à Argélia, Bourdieu estava finalizando sua tese de doutorado, que versava exatamente sobre as estruturas temporais na vida afetiva. Ao se deparar com as transformações pelas quais passava a sociedade argelina, de modernização forçada, guiada externamente pela administração colonial, e a resistência promovida por movimentos de independência, o então jovem sociólogo passou a investigar as *disposições temporais* dos agentes sociais em conexão com suas *condições de classe*.

Nesse contexto, Bourdieu observa as diferenças na adaptação dos grupos sociais argelinos à sociedade colonial moderna, distinguindo, pelo menos, quatro grupos sociais, ou padrões de posições e disposições sociais: (1) *camponeses*, que estão atrelados ao modo de vida tradicional dos povos argelinos, no qual a previsibilidade por meio do cálculo racional é incompatível com o modo de vida camponês; (2) *subproletariado*, ou camadas mais pobres da população urbana, recém-chegadas às grandes cidades, as quais apresentam perspectivas de futuro ilusórias, em sua maioria de etnias árabes; (3) *classe operária emergente*, que tem uma visão mais realista de suas possibilidades de vida, formada majoritariamente por franceses ou seus descendentes; (4) *classes médias*, que demonstram maior capacidade de “apreender sua existência de modo sistemático e racional em referência a um futuro coletivo” (Ibidem, p. 133), atendo-se às condições da crescente sociedade moderna regida pelo cálculo e pela razão.

É interessante conectar esta discussão com outra das questões que manifestamente moviam suas indagações: o debate sobre a relação entre as dimensões objetiva e subjetiva da vivência humana, travado no âmbito da Filosofia, da Sociologia e de outras disciplinas correlatas, e que há muito tempo ambiciona definir qual dessas dimensões possui maior peso explicativo sobre a realidade social. Não pretendendo aprofundar, devido ao curto espaço disponível, sobre como este debate se desenvolve na obra de Bourdieu, tema que possui ampla discussão acadêmica, cabe ressaltar aqui que o autor busca superar essa dualidade, demonstrando como ambas as dimensões se inter-relacionam na prática, por meio da análise das disposições temporais.

[...] somente uma sociologia das disposições temporais consegue superar a questão tradicional que consiste em saber se a transformação das condições de existência antecede e condiciona a transformação das disposições ou o oposto, e ao mesmo tempo determinar de que maneira a condição de classe pode estruturar toda a experiência dos sujeitos sociais, a começar por sua experiência econômica, sem agir por intermédio de determinações mecânicas ou de uma tomada de consciência adequada e explícita da verdade objetiva da situação (Bourdieu, 2021, p. 37).

Esse *corpus* teórico relaciona-se diretamente com a literatura sociológica sobre gerações sociais. A obra basilar sobre gerações sociais no âmbito da Sociologia é o ensaio seminal de Mannheim ([1928] 2013): “O problema das gerações”. Nesse ensaio, o autor ressalta a importância de se distinguir a situação geracional (*Generationenlage*), ou seja, as condições de vida encontradas por determinada faixa etária em um período de tempo, e a conexão geracional (*Generationszusammenhang*), que se refere às possíveis interpretações simbólicas comuns dos agentes sociais nascidos na mesma faixa etária, e em uma mesma situação geracional. As conexões geracionais podem ainda ser divididas em unidades geracionais, as quais remetem às distintas interpretações que grupos sociais pertencentes à mesma geração podem ter.

Assim, fica clara a necessidade de investigar as trajetórias de classe das gerações sociais, baseando-se tanto em dimensões objetivas quanto subjetivas, tal como proposto pela análise de classes de orientação bourdieusiana, buscando compreender os padrões e tendências observáveis. Contudo, na literatura sociológica brasileira, nota-se uma lacuna de estudos direcionados à relação entre trajetórias geracionais e expectativas de futuro (Tomizaki e Silva, 2021). O efeito de trajetória coletiva da geração social que passou por um período de maior poder de compra e aumento da escolaridade dos jovens, no início do século XXI, e posteriormente pelo período de crise econômica e sanitária com certeza engendra novas percepções da realidade. A expansão do ensino vem trazendo mudanças significativas e criando novas pos-

sibilidades de mobilidade social no Brasil, bem como adquirindo um novo sentido para a população brasileira, podendo influenciar em expectativas e percepções sobre as identidades individuais e coletivas vivenciadas pela população (Salata e Scaloni, 2020). No entanto, como já dito, vivenciamos um cenário de declínio econômico e aumento das desigualdades sociais, aprofundado no período da pandemia. Logo, é preciso investigar como as gerações jovens socializadas em um período de aumento do poder de compra das famílias de classes de trabalhadores manuais estão construindo suas possibilidades de vida neste cenário negativo pós-crise.

## Metodologia

A pesquisa teve uma abordagem quantitativa utilizando dados secundários de pesquisas de opinião do Datafolha e da PNAD do IBGE, examinados com o software R. Primeiramente, para responder aos dois primeiros problemas de pesquisa e verificar a primeira hipótese, realizamos a estatística descritiva da variação proporcional da participação da geração jovem na classe média entre 2002 e 2021, o que permite conferir se a geração jovem estava de fato passando por um processo de *middleization*, ou seja, ocupando mais trabalhos de classe média, antes da crise, e também como esse processo continuou após o período da crise. Para fins desta pesquisa realizamos um recorte da faixa etária de 25 a 34 anos, pois é o período da vida em que a trajetória no mercado de trabalho está melhor definida e mais constante, com menor variação entre diferentes ocupações, em comparação com os primeiros anos de entrada no mercado de trabalho, quando o jovem ainda está procurando uma ocupação (Chauvel, 2008). Comparamos com a geração dos responsáveis, 25 anos mais velha, para verificar a diferença entre a geração jovem e a geração dos responsáveis.

Utilizamos as bases de dados anuais da PNAD de 2002 a 2021 e a estrutura de classes formulada originalmente por Scaloni (1999), a qual é composta por um esquema de nove classes sócio-ocupacionais: Profissionais, Administradores e Gerentes, Proprietários Empregadores, Trabalhadores Não Manuais de Rotina, Proprietários por Conta Própria, Trabalhadores Manuais Qualificados, Trabalhadores Manuais Não Qualificados, Proprietários Rurais e Empregados Rurais. Quando nos referirmos à classe média, usaremos a definição sugerida por Scaloni e Salata (2012), mas aplicada ao esquema de nove classes anteriormente descrito. Logo, a classe média fica definida como os cinco primeiros estratos desta classificação. Nesta classificação, podemos ainda dividir as classes médias em: classes médias altas (Profissionais, Administradores e Proprietários Empregadores) e classes médias baixas (Trabalhadores Não Manuais de Rotina e Proprietários por Conta Própria),

e agrupar as demais classes em trabalhadores manuais. Para fins de interpretação dos dados, visando a compreender o problema proposto, apresentaremos a variação com os seguintes agrupamentos: classe média alta, classe média baixa, trabalhadores manuais e desempregados.

Por fim, para analisarmos as correspondências entre geração social, classes sociais e expectativas de futuro durante a pandemia, construímos o espaço social desse período de crise abordando também opinião política e sensação de segurança para trabalhar. Utilizamos a Análise de Correspondência Múltipla (ACM), técnica estatística que mapeia relações entre variáveis categóricas em um espaço geométrico, revelando estruturas de associação e oposição (Bertoncelo, 2022). A ACM é particularmente adequada para estudos inspirados na sociologia de Bourdieu, pois apresenta: (1) *relacionalidade*, na medida em que traduz o princípio bourdieusiano de que as classes só existem em oposição umas às outras, representando-as como posições em um espaço multidimensional com os eixos de volume e composição de capital; (2) *holismo*, já que captura a estrutura global do espaço social, evitando análises fragmentadas; e (3) *integração entre dimensões objetivas e subjetivas*, ao permitir vincular trajetórias de classe a disposições simbólicas (Duval, 2018). Assim, a ACM opera como um *retrato estrutural* das relações sociais, não apenas validando empiricamente a teoria, mas também possibilitando a visualização da *homologia* no espaço social (Bertoncelo, 2022).

Operamos esta técnica com dados da pesquisa “Opinião sobre o coronavírus”, do Datafolha, de 2020, empregando as variáveis: renda domiciliar *per capita*, anos de estudo, ocupação, geração social, opinião sobre o futuro pessoal, avaliação do governo Bolsonaro e sentimento de segurança ao sair para trabalhar. Suas modalidades e frequências podem ser vistas na Tabela 5, em anexo. As quatro primeiras variáveis foram consideradas *ativas* na construção do espaço social, por constituírem indicativos de classe e geração social, as quais assumimos como variáveis explicativas sobre as expectativas de futuro. Já as últimas três, variáveis de opinião, foram consideradas *suplementares*, ou seja, não exerceram peso explicativo sobre a construção das dimensões da ACM, tendo sua posição determinada pelas dimensões construídas pelas demais variáveis (Bertoncelo, 2022).

Com base no resultado da ACM, fizemos uma clusterização dos indivíduos visando a captar tendências de aproximação entre as posições sociais, utilizando a *Classificação Ascendente Hierárquica (CAH)*, com distância *Euclidiana* e o *Método de Ward* (Husson, Lê e Josse, 2008). Esse método identifica a quantidade ideal de clusters em uma ACM com base nas distâncias entre eles no espaço social construído. Mais especificamente, busca a menor perda de inércia interclasse, agrupando clusters com baricentros mais próximos e balanceando o número de indivíduos de

cada cluster<sup>1</sup>. Para a construção desta clusterização, consideramos doze dimensões da ACM, totalizando mais de 50% de variância associada ao autovalor (*eigenvalue*) total. Como a ACM trabalha com dados categóricos, os autovalores são geralmente menores e as primeiras dimensões tornam-se mais relevantes para interpretação (Husson, Le e Pagès, 2016).

Cabe ressaltar que os bancos de dados do Datafolha não permitem que realizemos uma análise das classes sociais segundo o esquema de classes descrito anteriormente, que foi feito com bancos de dados da PNAD, como será detalhado nas próximas seções. Mesmo assim, é possível analisar satisfatoriamente o espaço social construído para responder à terceira e à quarta pergunta de pesquisa, e averiguar a segunda hipótese: quais as expectativas de futuro da geração jovem durante a crise sanitária da pandemia, e quais as expectativas de futuro desta geração, dada sua situação de classe. A seguir iniciamos a exposição dos resultados referentes às primeiras questões da pesquisa, sobre as trajetórias de classe da geração jovem.

### *Middleization: uma trajetória geracional?*

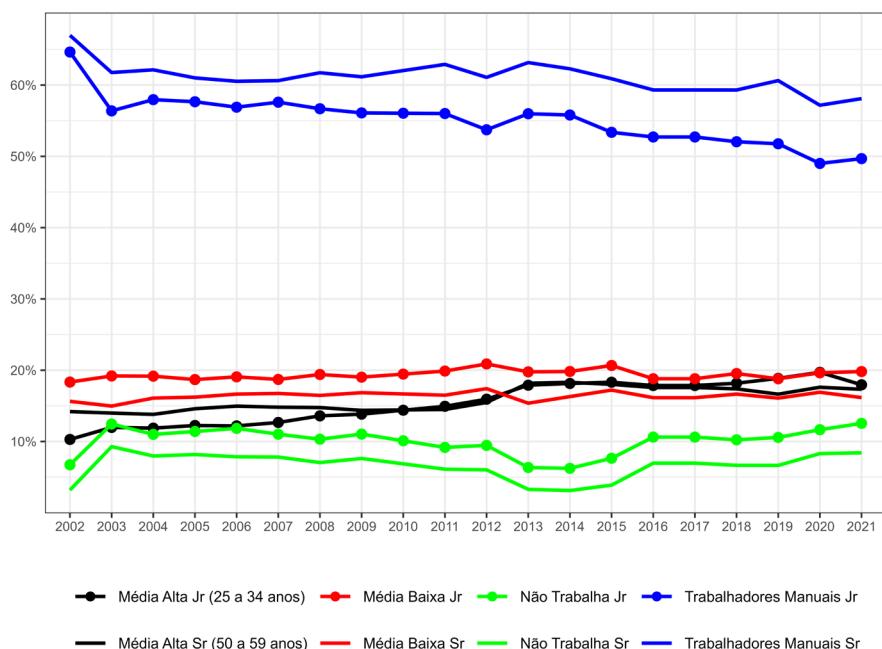
Iniciamos a apresentação dos resultados pela variação na participação da geração jovem nas classes médias, comparando-a com a geração de seus pais, 25 anos mais velha, como é possível visualizar no Gráfico 1, abaixo. A geração jovem aumentou expressivamente sua participação na classe média desde o início do século XXI, um salto de 28,6% para 37,8% da população economicamente ativa, mantendo-se acima da média geral da população. Em comparação com a geração de seus pais, por exemplo, observamos que esta tinha 29,3% da população economicamente ativa na classe média em 2002, acima da geração jovem, sendo ultrapassada em 2008, momento em que a geração jovem passou a ter definitivamente mais participação nestas classes, alcançando uma diferença de 4,4% em 2021.

As variações internas às classes médias também revelam um padrão que confirma esta tendência: o aumento da participação da geração jovem na classe média é impulsionado principalmente pela classe média alta, que sofreu um aumento de 10% para 18%, enquanto a classe média baixa permaneceu praticamente constante no período observado, representando em torno de 19% da população economicamente ativa desta geração. Dentre as classes que compõem a classe média alta, são os Profissionais que apresentaram maior crescimento, compondo a maior parte do ingresso dos jovens nas classes médias. Esta classe social é composta por categorias profissionais com registro legal, como médicos, advogados, engenheiros, administradores, dentre

1. Para mais detalhes, conferir *Analyse de données avec R* (Husson, Lê e Pagès, 2016).

## GRÁFICO 1

*Variação na estrutura de classes da população economicamente ativa de 25 a 34 anos e de 50 a 59 anos no Brasil (2002-2021)*



Fonte: Elaborado pelos autores (microdados PNAD).

outros profissionais das ciências, bem como professores com ensino superior completo, sendo marcada exatamente por ter esse nível de ensino, além de uma renda acima da média da população. Já a classe média baixa, composta por trabalhadores dos serviços de segurança, transporte, alimentação, embelezamento, vendedores dos comércios e mercados, técnicos e profissionais de nível médio e trabalhadores de apoio administrativo, manteve sua proporção para a geração jovem. Se compararmos com a geração de seus pais, observamos que o aumento na participação desta geração das classes médias altas foi mais tímido.

Este padrão está em consonância com pesquisas mais recentes sobre a polarização ocupacional (*job polarization*), que apontam para a diminuição dos trabalhos de média habilidade (*mid-skilled jobs*) e o aumento das ocupações de alta e baixa qualificação. Uma das vertentes desses estudos, ligada mais diretamente à economia, apresenta o aumento das tecnologias que promovem a automatização de processos de trabalho, tanto na indústria quanto no setor de serviços, como principal fator incidente na polarização ocupacional, e se alicerça na hipótese denominada *Skill-Biased Technological Change* (Autor e Dorn, 2013; Goos, Manning e Salomons, 2014; Machado, 2017; Sulzbach, 2020). Recentemente alguns estudos da área da sociologia começaram a se debruçar sobre essa questão, demonstrando que a pola-

rização ocupacional possui uma relação não apenas com a tecnologia de automação, mas também com a política econômica adotada pelos governos frente às mudanças tecnológicas que incidem sobre a dinâmica ocupacional (Peugny, 2018; 2019). No caso do Brasil, podemos observar como essa tendência está relacionada diretamente com as mudanças geracionais. A geração sênior, mesmo apresentando um aumento das classes médias altas, em especial após 2015, evidenciou pouca diferença entre as classes média alta e baixa. Já a geração jovem apresenta um aumento expressivo das classes médias altas no período observado, chegando a ultrapassar as classes médias baixas em 2020.

Podemos perceber que o aumento na participação da geração jovem nas classes médias atingiu seu ápice em 2015, ano em que se agravou a crise econômica no Brasil, quando 38,9% da população economicamente ativa dessa geração estava na classe média. Até esse período, é perceptível um padrão de aumento na participação nas classes médias. Entretanto, a partir de 2015, observamos um leve declínio, seguido de estagnação, de forma que, até 2021, ainda não foi atingido o nível observado em 2015. Considerando o ruído amostral, podemos dizer que, desde a crise econômica até o segundo ano de pandemia, o fenômeno de aumento das classes médias entre a geração jovem ficou estagnado, não apresentando fortes sinais nem de aumento, nem de diminuição. Entretanto, é preciso conectar essa tendência com o constante aumento da escolaridade da geração jovem. Como já evidenciado por outras pesquisas (Salata, 2018; Brunet *et al.*, 2022; Brunet, Andrade e Cardoso, 2022), o nível de escolaridade desta geração não parou de aumentar, em dissonância com a estagnação econômica, o que gera consequências negativas, principalmente para os jovens oriundos de famílias de classes de trabalhadores manuais, com menores chances de ascensão social por meio do capital cultural.

Essas constatações revelam com maior clareza a trajetória de classe da geração jovem, a qual está, de fato, passando por um processo mais acentuado de *middleization* no início do século XXI, em diálogo com o primeiro problema de pesquisa levantado. Ao mesmo tempo, podemos perceber que essa tendência foi atenuada, se não interrompida, desde 2015, quando observamos um padrão de estagnação, o que responde ao nosso segundo problema de pesquisa. Entretanto, fica claro que este processo de *middleization* não corresponde ao mesmo verificado na Europa e nos Estados Unidos no pós-guerra, pois é marcado aparentemente por uma polarização ocupacional (*job polarization*), visível pelo aumento das ocupações de classe média alta composta por profissionais qualificados, sem aumento respectivo de ocupações de classe média baixa. Pelo contrário, observamos o aumento de jovens em trabalhos manuais e em situação de desemprego durante a pandemia.

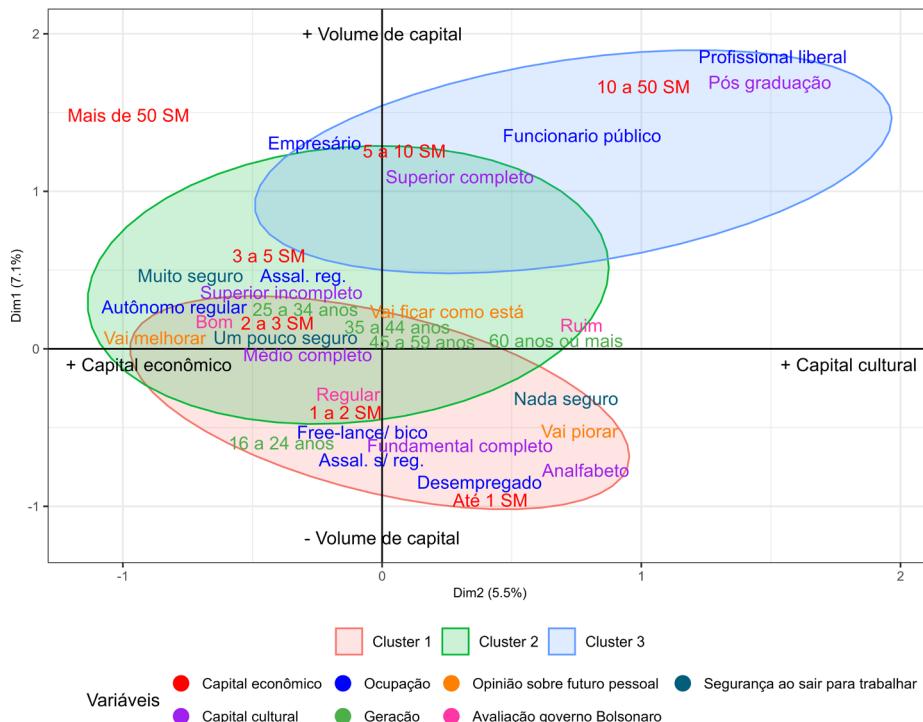
## Expectativas de futuro como marcadores de classe e geração

Passamos, então, à segunda parte da problemática da pesquisa, na qual pretendemos responder às últimas questões: qual a expectativa de futuro da geração jovem durante a pandemia? Há correspondência com a situação de classe? Para compreender melhor as disposições temporais das gerações e das classes sociais no período de crise sanitária da pandemia, construímos um espaço social por meio de análise de correspondência múltipla, e posteriormente efetuamos uma clusterização, visando a encontrar correspondências entre expectativas de futuro, classes sociais e gerações sociais, como pode ser visto no Gráfico 2, e nas Tabelas 1, 2, 3 e 4. A intenção é mapear as correspondências entre três aspectos que se interconectam na compreensão da formulação de uma expectativa de futuro pessoal: (1) o próprio julgamento sobre seu futuro pessoal; (2) o sentimento de segurança ao sair para trabalhar; e (3) a avaliação da atuação do governo federal. Ao passo que a primeira variável responde diretamente ao que pretendemos analisar, a expectativa de futuro, a segunda variável complementa nossa análise ao demonstrar a correlação com a expectativa presente de trabalhar em uma crise sanitária: as condições de trabalho no momento da pandemia desvelam as situações desiguais de vida dos estratos sociais, conectando o impacto da crise no presente com as perspectivas futuras. Já a terceira variável permite que relacionemos as expectativas de futuro com a atuação do Estado, buscando minimamente observar o quanto os estratos sociais estabelecem ligações entre sua situação de vida e a atuação de atores políticos em uma escala societal.

No Gráfico 2, a seguir, podemos observar inicialmente que o eixo vertical compõe o volume de capital, ao passo que o eixo horizontal apresenta a composição de capital, variando de maior capital econômico à esquerda para maior capital cultural à direita, em diálogo com a teoria Bourdieusiana de classes. A classificação ocupacional do Datafolha nesta pesquisa não é a mais adequada para a análise sociológica aqui proposta, mas permite que percebamos a forte distinção entre: (1) as categorias Desempregado, Assalariado sem registro e Freelance / bico, abaixo, com baixo volume de capital; (2) as categorias Autônomo regular e Assalariado registrado, no centro; e (3) as categorias Empresário, Funcionário público e Profissional liberal, acima, com maior volume de capital. Um dos maiores problemas desta classificação é a indistinção entre trabalhadores manuais e não manuais, o que nos impede de comparar com as categorias de Classe Média Alta e Baixa em acordo com os critérios estabelecidos anteriormente, embasados em estudos de estratificação social no Brasil (Scalon, 1999; Scalon e Salata, 2012).

## GRÁFICO 2

*Espaço social durante a pandemia: Análise de Correspondência Múltipla e Clusterização da população economicamente ativa no Brasil (2020)*



Fonte: Elaborado pelos autores (Pesquisa “Opinião sobre o coronavírus” – Datafolha).

Devido a essa condição, na presente análise faremos referência a uma “*situação de classe*”, em termos weberianos<sup>2</sup>, no sentido de que nos revela alguns aspectos sobre a condição de classe desses estratos, não constituindo necessariamente uma classe social. Ressaltamos, portanto, que a presente análise da situação de classe consiste na compreensão do contexto como um todo, o que envolve considerar não apenas as ocupações destacadas, mas também os capitais econômico e cultural, e as variáveis de opinião que compõem o espaço social. Mesmo com essas limitações, podemos analisar satisfatoriamente o espaço social criado e realizar comparações entre as duas classificações.

Ao dirigirmos nossa atenção às variáveis categóricas em análise, é possível notarmos distintos padrões. No que tange à opinião sobre o futuro pessoal, podemos perceber que essa variável apresentou maior peso no eixo horizontal, ou seja, na variação

2. “The term ‘class situation’ will be applied to the typical probability that a given state of (a) provision with goods, (b) external conditions of life, and (c) subjective satisfaction or frustration will be possessed by an individual or a group” (Weber, [1947] 2019).

de capital: ao passo que a opinião pessimista sobre o futuro está mais relacionada com baixo volume de capital, também está mais afastada do capital econômico. Por um lado, percebemos que a situação de classe desfavorável possui correspondência com o pessimismo quanto ao futuro, mas, por outro, o pessimismo também parece estar mais relacionado a situações de classe que exigem maior capital cultural e que são mais propensas, em geral, a ter um posicionamento mais crítico ante a sociedade. Essa constatação parece ter sentido se associamos a variável de opinião sobre o futuro com a avaliação do governo Bolsonaro. Podemos perceber que o posicionamento mais crítico ao governo federal durante a pandemia está ligeiramente mais relacionado às situações de classe com maior capital cultural e maior volume de capital.

É importante esclarecer que o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) foi marcado por uma agenda político-ideológica de direita conservadora, alinhada a valores como liberalismo econômico, militarismo, moralismo religioso e antagonismo às pautas progressistas (Silva e Rodrigues, 2021). Conforme podemos observar, essa orientação atraiu sobretudo estratos com alto capital econômico, cujos interesses materiais convergiam com políticas de desregulamentação e redução de impostos, enquanto gerou rejeição entre grupos com alto capital cultural, que tendem a valorizar universalismo, ciência e pluralismo – padrão semelhante ao observado por Bourdieu (2011a), que evidencia como o capital cultural está historicamente ligado a esses valores.

Essa constatação também corrobora estudos recentes realizados em outros países que demonstram a correspondência entre posições de classe e posicionamentos políticos (Flemmen e Haakestad, 2017; Jarness, Flemmen e Rosenlund, 2019). Em sociedades europeias, como a Noruega e a Dinamarca, também é possível observar que as classes médias com alto capital cultural tendem a adotar posicionamentos progressistas, enquanto as de alto capital econômico apoiam agendas conservadoras (Flemmen, 2014; Harrits *et al.*, 2010). A relação entre posições de classe, estilo de vida e posicionamento político indica padrões contrastantes que revelam a homologia presente na estrutura social (Flemmen *et al.*, 2022). No caso brasileiro, a pandemia escancarou essa clivagem: a defesa de Bolsonaro pelo negacionismo científico se conectou a elites tradicionais, enquanto a crítica a essas pautas mobilizou setores intelectualizados, evidenciando como a luta simbólica pelo poder se atualiza em crises.

A insegurança ao sair para trabalhar revela a mesma tendência da opinião sobre o futuro, tendo um peso maior para as situações de classe de volume de capital mais baixo. De maneira homóloga, observamos que os estratos de maior capital econômico apresentam mais segurança ao sair para trabalhar e um posicionamento mais simpático ao governo federal. As ocupações que desenvolvem sua vida econômica com alicerce no mercado privado parecem não demonstrar tanta preocupação com

o cenário de crise sanitária, em consonância com o discurso proferido pelo governo Bolsonaro nesse período, o qual se posicionou de maneira a relativizar os perigos da pandemia de covid-19 em diversos momentos. Entretanto, o otimismo quanto ao futuro pessoal se apresenta mais próximo aos Autônomos regulares, de médio volume de capital, do que dos Empresários, de maior volume de capital, em especial capital econômico.

A clusterização, por sua vez, demonstrou um padrão mais associado ao eixo vertical, ou seja, ao volume de capital, como é possível observar nas Tabelas 1, 2, 3 e 4, a seguir. Como podemos visualizar na Tabela 1, a variável que denominamos “Ocupação” teve um peso maior na construção dos clusters neste espaço social, lembrando que corresponde à classificação proposta pelo Datafolha. Em seguida, o Capital econômico e o Capital Cultural e, em quarto lugar, a Geração, que, de maneira geral, teve menor peso nesta clusterização. Entretanto, ao avaliarmos as variáveis que compõem os três clusters formados, percebemos que as gerações sociais mais jovens possuem um peso maior na formação dos Clusters 1 e 2, como detalharemos a seguir.

**TABELA 1**  
*Peso das variáveis na divisão dos clusters (ordem decrescente)*

VARIÁVEL	P-VALOR*
Ocupação	1,44E-240
Capital econômico	2,21E-149
Capital cultural	2,56E-145
Geração	1,05E-13
Opinião sobre futuro pessoal	1,92E-09
Segurança ao sair para trabalhar	3,32E-04
Avaliação governo Bolsonaro	4,30E-02

\* O P-valor é uma medida estatística que avalia a probabilidade de se obter um resultado extremo sob a hipótese nula, onde um valor baixo ( $< 0,05$ ) indica associação significativa entre clusters e variáveis, enquanto um valor alto ( $> 0,05$ ) sugere que a associação pode ser casual (Husson, Lê e Josse, 2008).

Fonte: Elaborado pelos autores (Pesquisa “Opinião sobre o Coronavírus” – Datafolha).

Contrastando as variáveis entre os clusters formados, notamos que o Cluster 1 é caracterizado principalmente por uma renda domiciliar de até um salário mínimo, situações de classe desfavoráveis, baixo nível de escolaridade e alto sentimento de

insegurança e pessimismo. Além disso, esse cluster está fortemente relacionado aos jovens de 16 a 24 anos, os quais passaram pelo período de finalização dos estudos e ingresso em suas primeiras experiências no mercado de trabalho durante a crise sanitária. Esse alto pessimismo dos jovens ao passarem por tais experiências que definem, em parte, os caminhos de sua trajetória de vida é um fenômeno que não deve ser ignorado, e que precisa ser melhor aprofundado, pois pode gerar uma marca duradoura na geração que passou por esse processo. De maneira geral, o Cluster 1 nos apresenta os estratos mais vulneráveis da população, os quais foram definitivamente marcados por um pessimismo sobre sua situação de vida presente e futura.

**TABELA 2**  
*Descrição do Cluster 1 por categorias*

CATEGORIA	Cat. / Clu. (%)*	Clu. / Cat. (%)**	Global (%)***	P-valor	Valeur-test****
Capital econômico = Até 1 sm	94,3	43,3	26,5	4,6E-73	18,1
Capital cultural = Fundamental incompleto	94,3	24,3	14,9	5,4E-37	12,7
Ocupação = Desempregado	86,1	35,0	23,5	4,2E-36	12,5
Ocupação = Freelance/ bico	89,6	21,8	14,1	8,4E-26	10,5
Capital cultural = Fundamental completo	94,9	13,8	8,4	4,2E-21	9,4
Capital econômico = 1 a 2 sm	78,0	35,3	26,2	2,0E-20	9,3
Capital cultural = Analfabeto	98,4	9,6	5,6	6,4E-17	8,4
Capital cultural = Médio incompleto	90,3	13,6	8,7	3,2E-16	8,2
Ocupação = Assalariado sem registro	88,2	9,7	6,4	3,8E-10	6,3
Avaliação governo Bolsonaro = Ruim	43,3	38,7	33,1	9,2E-08	5,5
Geração = 16 a 24 anos	72,0	21,5	17,3	7,5E-07	4,9
Opinião sobre futuro pessoal = Vai piorar	68,6	23,0	19,4	9,4E-05	3,9
Segurança ao sair para trabalhar = Nada seguro	63,1	39,9	36,6	2,0E-03	3,1

\* Percentual de indivíduos desta categoria no cluster. \*\* Percentual de indivíduos do cluster nesta categoria. \*\*\* Percentual de indivíduos desta categoria no universo. \*\*\*\* O *valeur-test* (ou valor-teste) é uma conversão da probabilidade crítica em quantil da distribuição normal, fornecendo duas informações principais: se seu valor absoluto é superior a 1,96, a modalidade caracteriza a classe, e o sinal indica se a modalidade está sub-representada (negativo) ou super-representada (positivo) na classe em questão (Husson, Lê e Josse, 2008).

Fonte: Elaborado pelos autores (Pesquisa “Opinião sobre o coronavírus” – Datafolha).

O Cluster 2, por sua vez, nos revela uma situação de classe intermediária, marcada pelos trabalhadores assalariados com registro, com renda domiciliar de dois a cinco salários mínimos, sem expectativa de mudança em seu futuro pessoal, contendo mais da metade dos jovens de 25 a 35 anos e a escolaridade básica completa. Não demonstra alta criticidade ao governo, nem à sua condição de trabalho durante a pandemia. Aparenta ser composta por jovens trabalhadores que possuem uma estabilidade mínima no trabalho e estão se inserindo na sociedade e no mercado de trabalho em condições por eles aceitáveis. É uma situação não tão desalentadora quanto observamos no Cluster 1, anteriormente.

TABELA 3

Descrição do Cluster 2 por categorias

CATEGORIA	Cat. / Clu. (%)	Clu. / Cat. (%)	Global (%)	P-valor	Valeur-test
Capital cultural = Superior incompleto	95,2	14,5	5,6	4,0E-29	11,2
Capital econômico = 3 a 5 sm	70,8	29,1	15,2	1,2E-27	10,9
Ocupação = Assalariado registrado	58,5	45,5	28,8	2,7E-25	10,4
Capital cultural = Médio completo	47,2	50,3	39,5	4,4E-10	6,2
Geração = 25 a 34 anos	51,8	29,4	21,0	8,6E-09	5,8
Capital econômico = 2 a 3 sm	53,6	23,6	16,3	2,4E-08	5,6
Ocupação = Autônomo regular	61,6	18,1	12,7	7,33E-08	5,4
Opinião sobre futuro pessoal = Vai ficar como está	40,9	50,8	46,0	6,4E-03	2,7

Fonte: Elaborado pelos autores (Pesquisa “Opinião sobre o Coronavírus” – Datafolha).

Por fim, o Cluster 3 nos revela os estratos com alto volume de capital, unindo, no mesmo cluster, situações de classe com composição de capital distintas, marcadas tanto pelo alto nível de escolaridade, quanto pelas maiores faixas de renda domiciliar. Apresenta, de forma geral, maior otimismo com seu futuro pessoal, bem como maior afinidade com a atuação do governo federal e pouca preocupação com os efeitos da crise sanitária sobre sua vida e sobre a sociedade, considerando, é claro, as diferenças de composição de capital, já explicitadas anteriormente. Este cluster quase não possui jovens de até 35 anos, o que nos revela como as gerações sociais que vivenciaram o período de crise em sua juventude de fato não apresentam tendência ao otimismo, como poderia ser em contextos mais favoráveis ao progresso social e econômico.

**TABELA 4**  
*Descrição do Cluster 3 por categorias*

CATEGORIA	Cat. / Clu. (%)	Clu. / Cat. (%)	Global (%)	P-valor	Valeur-test
Capital cultural = Pós graduação	95,2	89,8	4,8	1,8E-98	21,1
Ocupação = Empresário	80,6	19,6	6,7	1,39E-29	11,3
Capital cultural = Superior completo	53,7	37,9	19,6	1,74E-25	10,4
Capital econômico = 10 a 50 SM	39,5	37,2	4,8	6,0E-20	9,1
Segurança = Muito seguro	50,6	31,7	17,4	1,29E-17	8,5
Ocupação = Profissional liberal	100,0	16,5	0,8	1,2E-16	8,3
Avaliação governo Bolsonaro = Ótimo	45,4	31,7	19,4	1,14E-12	7,1
Ocupação = Funcionário público	21,0	32,8	8,0	7,2E-10	6,2
Capital econômico = 5 a 10 SM	14,8	31,4	10,8	1,7E-06	4,8
Opinião futuro pessoal = Vai melhorar	35,4	42,8	33,6	4,65E-06	4,6
Geração = 45 a 59 anos	35,6	32,2	25,1	1,3E-04	3,8
Capital econômico = Mais de 50 SM	100,0	1,0	0,3	5,8E-03	2,8
Geração = 35 a 44 anos	7,9	37,1	24,0	1,5E-02	2,4

Fonte: Elaborado pelos autores (Pesquisa “Opinião sobre o Coronavírus” – Datafolha).

## Conclusões

Nesta pesquisa partimos de duas questões e duas hipóteses que se complementam: o processo geracional de *middleization* no Brasil e a relação entre gerações sociais, situação de classe e expectativas de futuro. Confirmamos nossa primeira hipótese ao verificar que os jovens estavam, de fato, passando por uma trajetória de classe marcada por um processo de *middleization* no início do século XXI, e que houve, a partir de 2015, uma estabilização na tendência de crescimento de ocupações de classe média dessa geração. No entanto, revelou-se também um possível padrão de polarização ocupacional no Brasil, fenômeno que pode estar tomando uma forma mais clara no período pós-pandemia.

Nossa segunda hipótese se confirmou parcialmente. Por um lado, os estratos sociais de menor volume de capital demonstram uma disposição temporal relacionada

a expectativas mais pessimistas, se comparadas ao restante da sociedade. Entretanto, os estratos de maior volume de capital apresentaram expectativas diferenciadas de acordo com a composição de capital: estratos ligados ao capital econômico apresentaram-se como mais otimistas em relação ao futuro e à sociedade, mesmo na situação de crise sanitária, enquanto estratos de maior capital cultural revelaram-se mais pessimistas e críticos em relação ao governo. No que tange ao recorte geracional, os resultados também mostraram nuances mais diversificadas do que nossa hipótese propunha: a geração de 25 a 34 anos, recém inserida no mercado de trabalho, em grande parte em ocupações registradas, de renda média baixa, apresentou-se como mais otimista, em oposição à geração de 16 a 24 anos, que manifestou alto pessimismo, acompanhado de maior índice de desemprego e inserção em trabalhos informais. Essa situação pode representar *efeitos de trajetória* distintos, na medida em que parte da geração de 25 a 34 anos contava com melhores condições de vida antes da crise econômica de 2014, ao passo que a geração de 16 a 24 anos se encontrou inteiramente imersa em um período de crises desde o início de sua inserção no mercado de trabalho.

De uma forma geral, buscamos realizar uma reflexão sobre o quanto o cenário econômico negativo originado desde a crise de 2014, somado à instabilidade política e social que persistiu no Brasil até a crise da pandemia de covid-19, poderia engendrar um ciclo vicioso de situação de classe desfavorável e expectativa negativa de futuro, deixando os estratos mais empobrecidos da população em uma situação desesperançosa. Em especial, objetivamos perceber o quanto esse fenômeno poderia marcar fortemente a trajetória de classe da geração jovem. Nossa pesquisa permitiu a análise do padrão de *middleization* da geração jovem no Brasil, bem como revelar como essa trajetória de classe parece estar intimamente associada a uma disposição temporal de alto pessimismo da geração de 16 a 24 anos em relação ao futuro, ao menos durante a pandemia. Não pretendendo ser um estudo exaustivo, esta pesquisa propiciou maior aprofundamento sobre a situação das gerações jovens no Brasil, abrindo caminho para o desafio de se analisarem com maior acurácia as características das trajetórias de classe das gerações sociais no Brasil contemporâneo, tendo em vista sua situação de classe específica, bem como suas percepções intersubjetivas.

## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Beatriz Geraldo Medeiros de & ADORNO, Sérgio. (2021), “Legitimidades, conhecimento e dominação política”. *Tempo Social*, São Paulo, 33 (3): 5-20. doi: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2021.193038>.
- AUTOR, David H. & DORN, David. (2013), “The growth of low-skill service jobs and the polarization of the US labor market”. *American Economic Review*, 103 (5): 1553-1597.
- BERTONCELO, Edison Ricardo Emiliano. (2009), “As classes na teoria sociológica contemporânea”. *BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, (67): 25-49. Disponível em <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/321>.
- BERTONCELO, Edison Ricardo Emiliano. (2022), *Construindo espaços relacionais com a análise de correspondências múltiplas: aplicações nas ciências sociais*. Brasília, Enap.
- BOURDIEU, Pierre. (2011a), *A distinção: crítica social do julgamento*. 2. ed. Porto Alegre, Zouk.
- BOURDIEU, Pierre. (2021), *O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais*. 2. ed. São Paulo, Perspectiva.
- BOURDIEU, Pierre. (2011b), *O poder simbólico*. 15. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, Pierre. (2011c), *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 11. ed. Campinas, Papirus Editora.
- BRUNET, Miguel Bonumá *et al.* (2022), “Analysis of educational mobility of young people according to income group and level of education of their parents in Brazil (2012-2020)”. Edutec: *Journal of Technological and Scientific Education*, Ariquemes, 3 (1): 77-86.
- BRUNET, Miguel Bonumá; ANDRADE, Leonardo Mota de & CARDOSO, Nelson Aparecido. (2022), “Fratura geracional no Brasil no início do século 21? Análise das oportunidades de vida da geração jovem no Brasil entre 2012 e 2019”. *Civitas: Journal of Social Sciences*, Porto Alegre, 22: e41669. doi: [10.15448/1984-7289.2022.1.41669](https://doi.org/10.15448/1984-7289.2022.1.41669).
- CARDOSO, Adalberto Moreira & PRÉTECEILLE, Edmond. (2017), “Classes médias no Brasil: do que se trata? Qual seu tamanho? Como vem mudando?”. *Dados*, 60: 977-1023.
- CHAUVEL, Louis. (2008), “Social generations, life chances and welfare regime sustainability”. In: CULPEPPER, Pepper; HALL, Peter & PALIER, Bruno (orgs.). *Changing France: the politics that markets makes*. Londres, Palgrave Macmillan, pp. 150-175.
- CHAUVEL, Louis. (2020), “The Western Middle Classes under Stress: Welfare State Retrenchments, Globalization, and Declining Returns to Education”. *Mir Rossii*, 29 (4): 85-111. doi: <https://doi.org/10.17323/1811-038X-2020-29-4-85-111>.
- CHAUVEL, Louis *et al.* (2021), “Rewealthization in twenty-first century Western countries: the defining trend of the socioeconomic squeeze of the middle class”. *The Journal of Chinese Sociology*, Pequim, 8 (1): 1-17. doi: <https://doi.org/10.1186/s40711-020-00135-6>.
- COSTA, Luana & SCALON, Celi. (2013), “Income inequality and social stratification in Brazil: key determining factors and changes in the first decade of the 21st century”. In: PEILING,

- Li *et al.* (orgs.). *Handbook on social stratification in the Bric countries: change and perspective*. Cingapura, World Scientific Publishing, pp. 421-438.
- DAUFEMBACK, Valdete & HASSELMAN, Gabriel. (2021), “A negação da pandemia: o incrível caso de anomia social”. *Redes: Revista Interdisciplinar do Ielusc*, 4: 11-24.
- DUVAL, Julien. (2018), “Correspondence analysis and Bourdieu’s approach to statistics: Using correspondence analysis within field theory”. In: MEDVETZ, Thomas & SALLAZ, Jeffrey J. (orgs.). *The Oxford handbook of Pierre Bourdieu*. Oxford, Oxford University Press, pp. 512-527.
- EDLER DUARTE, Daniel & BENETTI, Patrícia Rech. (2022), “Pela Ciência, contra os cientistas? Negacionismo e as disputas em torno das políticas de saúde durante a pandemia”. *Sociologias*, Porto Alegre, 24 (60). doi: 10.1590/18070337-120336.
- FLEMMEN, Magne Paalgard. (2014), “The politics of the service class: The homology of positions and position-takings”. *European Societies*, 4(16): 543-569.
- FLEMMEN, Magne Paalgard & HAAKESTAD, Hedda. (2017), “Class and politics in twenty-first century Norway: A homology of positions and position-taking”. *European Societies*, 3(20): 401-423.
- FLEMMEN, Magne Paalgard; JARNESS, Vegard & ROSENLUKD, Lennart. (2022), “Intersections of class, lifestyle and politics. New observations from Norway”. *Berliner Journal für Soziologie*, 32 (2): 243-277.
- GOOS, Maarten; MANNING, Alan & SALOMONS, Anna. (2014), “Explaining job polarization: Routine-Biased technological change and offshoring”. *American Economic Review*, 104(8): 2509-26. doi: 10.1257/aer.104.8.2509.
- HARRITS, Gitte Sommer *et al.* (2010), “Class and politics in Denmark: Are both old and new politics structured by class?”. *Scandinavian Political Studies*, 1 (33): 1-27.
- HUSSON, François; Lê, Sébastien & JOSSE, Julie. (2008), “Factominer: An R Package for multivariate analysis”. *Journal of Statistical Software*, Los Angeles, 25 (1): 1-18.
- HUSSON, François; Lê, Sébastien & PAGÈS, Jérôme. (2016), *Analyse de données avec R*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes.
- JARNESS, Vegard; FLEMMEN, Magne Paalgard & ROSENLUKD, Lennart. (2019), “From class politics to classed politics”. *Sociology*, 5 (53): 879-899.
- MACHADO, André. (2017), “Existe polarização no mercado de trabalho brasileiro?”. *Radar Ipea*, 53.
- MANNHEIM, Karl. ([1928] 2013), “The sociological problem of generations”. In: MANNHEIM, Karl. *Essays on the Sociology of Knowledge*. Nova York, Routledge, pp. 163-195.
- MELLO, Ricardo Gustavo Garcia de. (2020), “Pandemia e os descaminhos da Anomia social”. *Anais do IX Seminário de Pesquisas FESPSP – Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas*. São Paulo.
- NERI, Marcelo Cortes. (2008), *A nova classe média*. Rio de Janeiro, CPS-FGV.

- ORTIZ, Renato. (2021), “Ordem/desordem em tempos de pandemia”. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, 11 (especial): 181-186, agosto.
- PEUGNY, Clément. (2018), “L'évolution de la structure sociale dans quinze pays européens (1993-2013): quelle polarisation de l'emploi?”. *Sociologie*, 9 (4).
- PEUGNY, Clément. (2019), “The decline in middle-skilled employment in 12 European countries: New evidence for job polarisation”. *Research & Politics*, 6 (1). DOI: <https://doi.org/10.1177/2053168018823131>.
- POCHMANN, Márcio. (2012), *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*. São Paulo, Boitempo Editorial.
- SALATA, André & SCALON, Celi. (2020), “Socioeconomic mobility, expectations and attitudes towards inequality in Brazil”. *Sociologia & Antropologia*, 10 (2): 647-676. DOI: <https://doi.org/10.1590/2238-38752020v10213>.
- SAVAGE, Mike. (2016), “A queda e o crescimento da análise de classes na sociologia britânica, 1950-2016”. *Tempo Social*, São Paulo, 28 (2): 57-72. DOI: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.110570>.
- SCALON, Celi. (1999), *Mobilidade social no Brasil: Padrões e tendências*. Rio de Janeiro, Revan-Iuperj-Ucam.
- SCALON, Celi. (2013), “Social stratification and its transformation in Brazil”. In: SCALON, Celi. (org.). *Handbook on social stratification in the Bric Countries: Change and perspective*. Cingapura/Londres/Nova Jersey, World Scientific, pp. 3-19.
- SCALON, Celi & SALATA, André. (2012), “Uma nova classe média no Brasil da última década? O debate a partir da perspectiva sociológica”. *Sociedade e Estado*, Brasília, 27 (2): 387-407. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5658>.
- SCALON, Celi; CAETANO, André J.; CHAVES, Hugo et al. (2021), “Back to the past: gains and losses in Brazilian society”. *The Journal of Chinese Sociology*, 8 (3): 1-16. <https://doi.org/10.1186/s40711-020-00132-9>.
- SILVA, Mayra Goulart da & RODRIGUES, Theófilo Codeço Machado. (2021), “O populismo de direita no Brasil: neoliberalismo e autoritarismo no governo Bolsonaro”. *Mediações*, 1 (26): 86-107. DOI: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2021v26n1p86>.
- SOUZA, Jessé. (2010), *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?*. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- SULZBACH, Viviane Nunes. (2020), *Essays on job polarization in the Brazilian labor market*. Porto Alegre, doctoral dissertation, Federal University of Rio Grande do Sul.
- TEIXEIRA, Antonio Nunes & SANTOS, Paulo Ricardo dos. (2022), “As sociologias da pandemia: contribuições sobre a Covid-19 e sociedade”. *Sociologias*, Porto Alegre, 24 (60). DOI: <https://doi.org/10.1590/18070337-126449>.
- TOMIZAKI, Kimi & SILVA, Maria Gilvania Valdivino. (2021), “Dinâmica geracional, posições sociais e comportamento político”. *Educação & Sociedade*, 42: e242003.

- VASCONCELOS, Ana Maria Nascimento. (2016), “Juventude e ensino superior no Brasil”. In: DWYER, Tom *et al.* *Jovens universitários em um mundo em transformação: uma pesquisa sino-brasileira*. Brasília, Ipea.
- WEBER, Max. ([1947] 2019), “Status groups and classes”. In: GRUSKY, David B. (org.). *Social stratification, class, race, and gender in sociological perspective*. 4. ed. Boulder, Colorado, Westview Press, pp. 175-178.
- WEININGER, Elliot. (2015), “Fundamentos de uma análise de classe de Pierre Bourdieu”. In: WRIGHT, Erik Olin (org.). *Análise de classe: abordagens*. Petrópolis, Vozes, pp. 46-65.

## Anexo

**TABELA 5**  
*Variáveis e modalidades usadas como ativas e suas frequências*

VARIÁVEIS	MODALIDADES	FREQUÊNCIA
Avaliação governo Bolsonaro	Bom	566
	Regular	351
	Ruim	524
Capital cultural	Pós-graduação	120
	Superior completo	285
	Superior incompleto	131
	Médio completo	511
	Médio incompleto	107
	Fundamental completo	84
	Fundamental incompleto	148
	Analfabeto	55
	Mais de 50 SM	4
Capital econômico	10 a 50 SM	105
	5 a 10 SM	206
	3 a 5 SM	240
	2 a 3 SM	238
	1 a 2 SM	339
Geração	Até 1 SM	309
	60 anos ou mais	144
	45 a 59 anos	365
	35 a 44 anos	357
Ocupação	25 a 34 anos	338
	16 a 24 anos	237
	Profissional liberal	22
	Empresário	98
Opinião sobre futuro pessoal	Funcionário público	149
	Autônomo regular	185
	Assalariado registrado	438
	Assalariado sem registro	75
	Freelance/ bico	175
	Desempregado	299
	Vai melhorar	487
	Vai ficar como está	684
Segurança ao sair para trabalhar	Vai piorar	270
	Muito seguro	251
	Um pouco seguro	682
	Nada seguro	508

Fonte: Elaborado pelos autores (Pesquisa “Opinião sobre o coronavírus” – Datafolha).

## Resumo

### *Trajetórias de classe e expectativas de futuro dos jovens no Brasil*

O artigo investiga a trajetória de *middleization* da geração jovem brasileira, analisando sua ascensão às classes médias no século XXI e os impactos da pandemia de covid-19 sobre suas expectativas de futuro. Examinamos dados da PNAD e do Datafolha com técnicas de análise de correspondência múltipla e clusterização. Observamos que, desde a crise econômica de 2014, o processo de ascensão dos jovens às classes médias estagnou. Identificamos três clusters que demonstram como na pandemia houve maior pessimismo entre jovens com baixo capital e otimismo nos estratos de maior capital, que também se distinguem segundo composição de capital. Os resultados evidenciam a relação entre as disposições temporais e as posições estruturais dos agentes.

**Palavras-chave:** *Middleization; Geração jovem; Classe social; Expectativa de futuro.*

## Abstract

### *Class trajectories and future expectations of the young in Brazil*

The article examines the middleization of Brazil's young generation, analyzing their rise to the middle classes in the 21st century and the impacts of covid-19 on their future expectations. Using PNAD and Datafolha data, multiple correspondence analysis, and clustering, we found that the 2014 economic crisis halted this ascent. We identified three clusters that elucidates how, during the pandemic, there was greater pessimism among low-capital youth and optimism among higher-capital strata, which also differ according to capital composition. The results highlight the relationship between temporal dispositions and the structural positions of agents.

**Keywords:** Middleization; Young generation; Social class; Future expectations.

MIGUEL BONUMÁ BRUNET é professor EBTT, de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (Ifro), Campus Ji-Paraná, e faz doutorado binacional no PPGSA-UFRJ e na Europa-Universität Flensburg. E-mail: miguel.bonuma@ifro.edu.br.

CELI SCALON é professora titular de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisadora nível 1A do CNPq e Cientista do Nossa Estado da Faperj. Coordena o INCT Instituto Igualdade e o Paths: Núcleo de Pesquisa em Estratificação e Trajetórias Sociais. E-mail: celiscalon@gmail.com.

ANDRÉ SALATA é professor de Sociologia do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciência Política da PUCRS, pesquisador nível 1D do CNPq e vice-coordenador do Paths: Núcleo de Pesquisa em Estratificação e Trajetórias Sociais. E-mail: andresalata@gmail.com.